

REBELDES CONTRA O MEDITERRÂNEO

Uiran Gebara da Silva¹

RESUMO: O objetivo deste texto é estabelecer alguns parâmetros de análise, no plano teórico e metodológico, das dificuldades que as categorias gerais de recorte do discurso histórico sobre a Antiguidade oferecem ao estudo de objetos como as revoltas dos bagaudas e dos circunceliões, uma vez que a própria noção de rebelião (ou revolta ou insurgência), ao implicar uma oposição à ordem social estabelecida, coloca tais revoltas em oposição às próprias formas do discurso do historiador.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade Tardia; Bagaudas; Circunceliões; Teoria da História; História Vista de Baixo.

ABSTRACT: The main goal of this paper is to establish some criteria in the theoretical and methodological fields for the analysis of the difficulties which general categories of the historical discourse about Antiquity offer to the study of objects as the *bacaudae* and *circumcelliones* revolts or insurgencies, since the very notion of revolt (or rebellion, or insurgency), by implying an opposition to the established social order, places such revolts in opposition to the very forms of the historian's discourse.

KEYWORDS: Late antiquity; bacaudae; circumcelliones; Theory of History; History from bellow.

Os bagaudas gauleses e os circunceliões africanos são os nomes dados a duas insurgências rurais recorrentes entre os séculos III e V d.C. As fontes antigas permitem caracterizar, a princípio, os bagaudas como o nome dado a grupos de camponeses insurretos na Gália romana,² na maior parte das vezes ao norte, que agem no século III e no século V d.C. (conquanto alguns autores acreditem que tenham agido também no século IV). Contudo, alguns autores modernos veem em maior ou menor grau a presença de escravos e, por outro lado, outros autores veem a presença de grandes proprietários no controle do movimento.³ Já os circunceliões são um movimento insurgente também rural, mas da África romana, cujas ações são geralmente localizadas na Numídia, muito presente nos textos de Agostinho escritos contra os donatistas.⁴ Haveria inicialmente uma grande diferença entre os bagaudas e os circunceliões que seria

¹ Doutorando pelo Programa de História Social, Universidade de São Paulo. Bolsista Fapesp.

² O maior representante desta interpretação é E.A.Thompson (Thompson, 1952), que é sustentada recentemente por Clifford Minor (Minor, 1997) e Chris Wickham (Wickham, 2005).

³ O maior defensor dessa interpretação é Raymond Van Dam (Van Dam, 1985).

⁴ A interpretação dos circunceliões como um movimento social está presente em Saumagne e Brisson (Saumagne, 1934; Brisson, 1958).

a caracterização dos últimos como uma espécie de heresia (e é importante ressaltar que, recentemente, para alguns autores os circunceliões seriam especificamente uma ordem ascética de origem rural⁵).

É importante notar que mesmo com toda a discussão que se possa fazer a respeito de como caracterizá-los, em algumas publicações mais gerais ou de síntese como, por exemplo, o verbete sobre bagaudas na *Real Encyclopaedia Pauly Wissowa* (Szádecky-Kardoss, 1968), o capítulo sobre a terra em *The Later Roman Empire* de A. H. M. Jones (Jones, 1992. pp. 766-822), ou, mais recentemente, o verbete sobre levantes camponeses no *The Cambridge Dictionary of Classical Civilization* (Shipley, et al., 2006 pp. 654-655), os bagaudas e os circunceliões são geralmente apontados como os principais exemplares de revoltas camponesas na Antiguidade. Isto é, não só da Antiguidade Tardia, mas da Antiguidade (o que é expresso ainda mais claramente no *Cambridge Dictionary*). Isso pode ser considerado um resultado da influência da historiografia dos anos 1960, do impacto principalmente do texto de E. A. Thompson, dos autores da Alemanha Oriental e de autores soviéticos (como é o caso da enciclopédia Pauly Wissowa, mas não o de A. H. M. Jones).⁶ Porém também pode ser indicativo de alguma coisa na natureza das fontes que apresentam esses objetos, algo que permite facilmente distanciá-los das revoltas nativistas típicas do processo de conquista romana do Mediterrâneo ou das que ocorreram durante o Alto Império.⁷

O objetivo deste texto não é discutir ou mesmo apresentar a fundo essas duas revoltas, mas sim estabelecer alguns parâmetros de reflexão no plano teórico e metodológico, das dificuldades que as categorias gerais de recorte do discurso histórico sobre a Antiguidade oferecem ao estudo de objetos como essas revoltas ou insurgências. Isto é, a própria noção de rebelião, ao implicar uma oposição à ordem social estabelecida, coloca tais revoltas em oposição às

⁵ Essa leitura começa com Frend que a articula a ideia de uma base social às ações dos circunceliões. Recentemente, contudo, tem sido cada vez mais apresentada de forma isolada, apresentando as motivações dos circunceliões como puramente baseadas em razões religiosas, como na obra de Michael Gaddis (Gaddis, 2005).

⁶ Por outro lado, no *Guia Harvard para a Antiguidade Tardia* (Bowersock, et al., 1999 pp. 328-329; 377-378), os respectivos verbetes buscam distanciar os bagaudas e os circunceliões de interesses dos camponeses. Mas observe que o verbete dos bagaudas é escrito por Raymond Van Dam e o dos circunceliões é escrito por Michael Gaddis, dois defensores desse distanciamento, que de maneira alguma alcançou o estatuto de consenso historiográfico.

⁷ Para um bom apanhado delas cf. (Dyson, 1971).

próprias formas do discurso do historiador. Estas tendem a atuar, dentro do discurso do historiador, como um substituto das ordens sociais.

Isso ficará bem claro na análise dos diferentes sentidos que a ideia de Mediterrâneo tem para diferentes historiadores. Há duas tendências mais consolidadas de sentidos que são dados à palavra Mediterrâneo quando ela é utilizada em relação aos estudos sobre História Antiga ou Medieval: como História globalizante, ou “World History”, ou como Forma da História.

Mediterrâneo como World History

Como História globalizante, o Mar Mediterrâneo é entendido como fenômeno a ser investigado, no sentido de que seja o espaço apropriado por uma comunidade ou sociedade que os estudiosos buscam entender em sentido global ou totalizante. Exemplos desse exercício de história globalizante, tendo o mundo inteiro como cenário, são os trabalhos recentes de Jared Diamond (Diamond, 2001), André Gunder Frank (Frank, 1998), ou a obra das “eras” de Hobsbawm (Hobsbawm, 2009 [1962]; Hobsbawm, 2009 [1975]; Hobsbawm, 2009 [1987]; Hobsbawm, 1995 [1994]). Acredito que, tendo o Mediterrâneo como cenário globalizante, o trabalho *The Corrupting Sea* de Horden e Purcell é melhor classificado dentro desta tendência (Horden, et al., 2000).

Mediterrâneo como Forma

Como *Forma* da História (Guarinello, 2003), a ideia de Mediterrâneo é entendida como recorte abstrato no espaço (em complementação a recortes cronológicos, como “Antiguidade”) cuja função é contextualizar séries documentais para a investigação histórica. O Mediterrâneo como *Forma* muitas vezes pressupõe a existência de estudos do tipo “world history”, mas sua principal característica é não problematizar esta totalidade espacial pressuposta, naturalizando-a. Este é com certeza o uso mais comum da palavra Mediterrâneo.

Mediterranização

A ideia de Mediterranização é uma derivação mais rica da tendência de ver o Mediterrâneo como uma história globalizante. Na ideia de Mediterranização apresenta-se a perspectiva de que houve um processo de

desenvolvimento de uma sociedade como totalidade e que essa construção historicamente observável inclui a apropriação dos espaços ao redor desse mar. Uma apropriação tanto da terra, quanto do mar. Uma formulação bem coerente dessa proposta está em um artigo de Ian Morris (Morris, 2005). Um dos dilemas dessa maneira de olhar para a sociedade integrada no Mediterrâneo como um processo de integração é que ela pode incorrer na prática da teleologia, estabelecendo a sociedade integrada como fio condutor não só da análise, mas da história ocorrida, obscurecendo as histórias alternativas e os caminhos abandonados pelos sujeitos do passado. Uma resposta comum a esse dilema foi a negação por parte dos estudiosos de qualquer visão que buscasse entender processos de totalização das relações sociais. Esse dilema, contudo, está diretamente relacionado às dificuldades acima mencionadas que as categorias gerais de recorte do discurso histórico oferecem ao estudo de rebeliões ou insurgências.

Rebeliões e Insurgências no ou do Mediterrâneo

Minha pesquisa de doutorado trata de dois grupos sociais rurais e insurgentes contra a ordem romana: os circunceliões da África e os bagaudas da Gália. E o questionamento central deste texto é: como minha investigação sobre esses grupos é afetada por estas tendências de concepção do Mediterrâneo? As possibilidades de resposta dependem do grau de proximidade que posso estabelecer entre esse objeto de pesquisa e as ideias de Mediterrâneo que apresentei acima: de maneira alguma, como *Forma* da História contextualizadora, ou como História globalizante.

I. De maneira alguma

É possível investigar a história das bagaudas e dos circunceliões como grupos sociais cuja história tem conexões apenas locais, isto é, como fenômenos e como problemas históricos cujo significado seja de uma sociedade (ou conjunto documental) particular, e não do Império Romano: os circunceliões como um elemento que só é pertinente aos estudos da História África dos séculos III a V d.C. e os bagaudas aos estudos da Gália do mesmo período. Essa perspectiva implica a recusa de uma sociedade mediterrânica, a projeção das

fronteiras nacionais modernas no passado e, por consequência, um tipo de história comparativa para a minha pesquisa.

a) Recusa da sociedade mediterrânica

Essa perspectiva de que o Mediterrâneo ou uma sociedade mediterrânica não tem relação nenhuma com as duas insurgências se baseia na recusa, desprezo ou obscurecimento de conexões ou determinações sociais de maior amplitude, sejam elas linguísticas, religiosas, político-tributárias, militares entre os habitantes da Gália e da África romanas.

b) Projeção do Estado Nação moderno

Geralmente a recusa das conexões de maior amplitude vem acompanhada de uma projeção da representação espacial do Estado Nação moderno (século XIX-XX) para o passado, de maneira a restringir e delimitar a análise apenas à documentação textual e material pertencente este recorte particular. Essa metodologia tende a ignorar fenômenos históricos que teriam transcendido tais fronteiras.

c) História Comparativa

Assim, em situações nas quais o pesquisador estuda dois objetos circunscritos a regiões geográficas diferentes no passado, como é o caso de minha pesquisa, essa perspectiva na melhor das hipóteses resulta em um encaminhamento para uma história comparativa de tipo moderno. Em outras palavras, encaminha a pesquisa para a observação de duas entidades sociopolíticas díspares, concebidas em separado, cujos elementos componentes podem ser assemelhados ou diferenciados pela análise.

II. Como Forma da História

Quando o Mediterrâneo é entendido apenas como um recorte contextualizante da documentação e legitimador de objetos e problemas de pesquisa histórica, as consequências metodológicas ficam óbvias somente no plano das formas da História. Porém, estas consequências materializam-se em um profundo impacto na organização do conhecimento histórico.

a) Oposição à Civilização Clássica

Como Forma da História, o Mediterrâneo se opõe à ideia de civilização greco-romana ou Clássica,⁸ no sentido de que se recusa uma definição de

⁸ Para uma investigação do processo de construção de *forma* Antiguidade Clássica cf. (Beard, et al., 1998).

documentação e objetos de pesquisa legítimos baseada predominantemente no padrão derivado do valor de influência que textos e objetos tiveram no desenvolvimento da Europa a partir do Renascimento. Passa-se a entender como objetos legítimos de estudo todos os vestígios da memória social que são originários deste recorte espacial de contextualização documental.

b) Oposição às Formas Nacionais ou Protonacionais

O Mediterrâneo pode funcionar como um contexto mais amplo e permitir ao historiador escrever uma História do Império Romano, articulando a dimensão local dos circunceliões nas províncias romanas da África (não na Tunísia Antiga) e dos bagaudas nas províncias romanas da Gália (não na França antiga). Neste uso, tudo o que está circunscrito ao mar Mediterrâneo na Antiguidade (documentação material, textual, narrativas) faz parte da mesma História.

c) Articulação com outras Formas da História

A *Forma* Mediterrâneo se articula sem grandes problemas às Formas História Antiga ou Império Romano. Isto é, articula-se a recortes contextualizantes que produzem narrativas cujo fio condutor é uma sequência mais ou menos homogênea de Estados na Antiguidade, na qual o ponto máximo do desenvolvimento é o Estado Imperial romano, um Estado cuja apropriação espacial é o Mar Mediterrâneo. A *forma* Mediterrâneo também se articula com a *Forma* Antiguidade Tardia, que representa a ideia de uma continuidade das estruturas sociais formadas pelo Império Romano. Mas não se relaciona bem com a *Forma* Alta Idade Média, cujas narrativas baseiam-se ora em projeções espaciais protonacionais, ora em um espaço europeu definido pelos espaços dominados religião cristã romana.

III. Como História globalizante

Como História globalizante, o recurso a investigações da existência de uma Totalidade social mediterrânica resulta, no mínimo, no reconhecimento desta totalidade como um problema histórico, nem recusado nem aceito *a priori*.

a) Como pressuposto

Se o Mediterrâneo for utilizado em uma pesquisa histórica apenas como uma totalidade social pressuposta, cuja presença na investigação apenas assinala a possibilidade de investigar relações ou determinações sociais que não

podem ser reduzidas às dimensões locais da África ou da Gália, o efeito é quase o mesmo do uso do Mediterrâneo como *Forma*.

b) Como problema e resultado da pesquisa

Por outro lado, entender o Mediterrâneo como um problema da pesquisa significa aceitar que, no processo da investigação e das conexões do objeto de pesquisa com essa ideia de sociedade totalizante, é possível medir e criticar os resultados daqueles que investigaram o Mediterrâneo como História globalizante. Isto é, no caso de minha pesquisa, significa aceitar que minha investigação sobre as rebeliões rurais dos circunceliões e dos bagaudas pode, ou não, estabelecer relações com essa totalidade social, e que a pesquisa pode, inclusive, fornecer nos seus resultados, subsídios para que se afirme ou se duvide desta Sociedade mediterrânica.

Articulação de narrativas especializadas com narrativas gerais

Apesar de ser a mais difícil, acredito que esta última alternativa seja a mais produtiva intelectualmente, por ambicionar estabelecer uma problematização dos estudos especializados com um lampejo de sociedades pensadas em termos mais gerais.

Uma investigação sobre rebeliões rurais não é uma investigação sobre a totalidade social, mas é válido se perguntar em que medida essa pesquisa mais circunscrita pode dialogar com as investigações que têm como resultado a afirmação desta totalidade. Em que medida ela pode dialogar com dimensões particulares desta ideia de totalidade? E em que medida há indícios, nos documentos com os quais lida minha investigação, que apontam para esta possível sociedade totalizante ou esta História globalizante? A minha suspeita é que uma das pistas esteja nas definições de contra qual ordem estes grupos se insurgem. Isso talvez fique mais claro ao entendermos que uma investigação sobre os bagaudas e sobre os circunceliões é ao mesmo tempo uma história vista de baixo e uma história dos vencidos.

I. História Vista de Baixo

Essencialmente, a investigação que se pode denominar história vista de baixo é aquela que busca reconstruir a perspectiva, assim como a ação histórica de grupos sociais pertencentes às classes subalternas. Esse tipo de abordagem

busca delinear fundamentalmente a efetividade das ações desses grupos, isto é, o impacto de sua existência e desenvolvimento na história da sociedade de que fazem parte, como se pode ver na obra dos historiadores britânicos marxistas (Kaye, 1984;Thompson, 2001); uma abordagem que também sustenta e orienta a compreensão do que Edward P. Thompson chamou de economia moral da multidão (Thompson, 1998). Assim, quando afirmo que investigar os circunceliões e os bagaudas é uma investigação histórica vista de baixo é porque entendo que o estudo sobre estes grupos *pode* revelar a sua perspectiva de processos de dominação, exploração e conflito que afetam a história da sociedade da qual fazem parte.

II. História dos Vencidos

Por sua vez, história dos vencidos é a abordagem que, ao investigar grupos sociais de classes subalternas, reconhece que o maior desafio que esta investigação apresenta é o da própria produção de vestígios da memória social orientada pela ideologia da classe dominante. A articulação entre dominação e exploração é a base da ideia de classe presente na História dos vencidos, cuja problemática é inspirada na obra de Walter Benjamin (Benjamin, 1996), mas que pode ser vista também em certos estudos desenvolvidos por Carlo Ginzburg.⁹ Assim, coloca no centro das preocupações do historiador o problema de que as classes subalternas não são produtoras finais das narrativas de sua existência passada. O problema de que a temporalidade das representações da memória social de suas ações é ordenada por narrativas que representam a versão da história daqueles que os oprimiram e exploraram, a versão daqueles contra os quais as classes subalternas lutaram.

Ordem Mediterrânica?

Nesse sentido, retomo a ideia de que a conexão de minha investigação sobre bagaudas e circunceliões com o Mediterrâneo (como recusa, como *forma*, como sociedade totalizante) estaria na definição de contra qual ordem estariam se insurgindo.

⁹ Ver, por exemplo, uma retomada da questão em seu ensaio sobre Siegfried Kracauer em *O Fio e os Rastros* (Ginzburg, 2007 pp. 231-248).

A recusa da ideia de uma Ordem mediterrânica também precisa ser resultado da investigação, não seu ponto de partida. Isto é, a afirmação de que a História dos circunceliões só tem pertinência às províncias africanas e que a dos bagaudas só interessa a uma narrativa das províncias da Gália não parte de nada dado e não se sustenta empiricamente, sendo apenas pressuposto de certos historiadores. Mas o mesmo ocorre com o seu reverso. É algo que parece óbvio, mas é o tipo de obviedade que precisa ser repetida: apenas uma investigação substancial pode estabelecer se tais insurgências podem ser observadas a partir das conexões que estabelecem com uma narrativa da Antiguidade de maior amplitude do que a de uma História local. E uma pesquisa histórica começa com um problema, não como recorte, nem como certeza. O que se coloca aqui como problema é que tipo de impacto esses grupos insurgentes tiveram na história do Império Romano.

Esse impacto poderia se revelar mínimo, com ínfimas conexões com o Estado imperial, ou com as relações sociais diversas que se articulam imediata ou indiretamente a esse Estado. Isso, se a investigação da história destes grupos, a partir dos vestígios a que tenho acesso hoje, indicasse que seu impacto de fato se reduz a uma ordem social de circunscrição local. Isto é, se o espaço que lhe correspondesse socialmente impactasse apenas a sociedade na Armórica ou na Tarraconense para os bagaudas e apenas os pontos cegos ao poder militar das zonas rurais na Numídia para os circunceliões.

Não é esse, porém, o caminho ao qual parecem levar os indícios presentes na documentação. Tanto a presença dos bagaudas insurgentes na Gália, quanto as ações dos circunceliões na África, parecem levar os responsáveis pela manutenção da Ordem no cenário local a requisitar não apenas recursos imperiais para lidar com eles, mas a ação direta dos exércitos e generais do Império. A contraparte dessa ação é no plano da narrativa histórica feita pelos autores antigos. Esses produtores de narrativas que incluem ou bagaudas ou circunceliões habilitam uma sorte de discurso que representa as insurgências como algo contrário a tudo aquilo que é romano como uma construção que os define como o reverso da ordem romana.

As estruturas sociais que compõem o Império Romano, cujo território pretende ser o espaço ao redor desse mar segundo os estudos de História totalizante, aparecem como agentes na história desses grupos insurgentes de

classes subalternas. Mas por que soa tão estranho o inverso? Por que esses grupos não poderiam ser considerados parte da história do Império? Pois, da mesma maneira que a sua temporalidade está cristalizada dentro da temporalidade da História do Império, e estudar sua história é estudar a história do Império, a espacialidade pela qual se move a História dos bagaudas e a dos circunceliões também coloca em questão a espacialidade do Mediterrâneo como território do Império Romano. Bagaudas e circunceliões podem ser insurgentes contra a ordem local, insurgentes da Gália, ou da África, mas também há a possibilidade de serem contra o Mediterrâneo.

Bibliografia

Obras Gerais

BEARD, Mary. e HENDERSON, John. *Antiguidade Clássica. Uma Brevíssima Introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Braziliense, 1996, pp. 222-232.

BOWERSOCK, Glen W., BROWN, Peter e GRABAR, Oleg. *Late Antiquity. A Guide to the Postclassical World*. Cambridge: Belknap, 1999.

BRISSON, Jean-Pierre. *Autonomisme e Christianisme dans l'Afrique romaine de Septime Sévère à l'invasion vandale*. Paris: E.de Boccard, 1958.

DIAMOND, Jared M. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FINLEY, Moses I. *Ancient Economy*. Berkeley: University of California, 1999.

FRANK, Andre Gunder. *Re-Orient. Global Economy in the Asian Age*. Berkeley: University of California, 1998.

GADDIS, Michael. *There is no Crime for Those Who Have Christ. Religious Violence in the Christian Empire*. Berkeley: University of California, 2005.

GUARINELLO, Norberto L. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politéia-História e Sociedade*. 2003, Vol. III, 1, pp. 41-62.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções - 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1962].

_____ *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1975].

_____ *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995 [1994].

_____ *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1987].

HORDEN, Peregrine e PURCELL, Nicholas. *The Corrupting Sea. A study of Mediterranean History*. . Oxford: Blackwell, 2000.

JONES, A.H.M. *The Later Roman Empire. 284 – 602*. Baltimore: Johns Hopkins, 1992.

KAYE, Harvey J. *The British Marxist Historians: An Introductory Analysis*. Cambridge: Polity Press, 1984.

MINOR, Clifford E. Reclassifying the Bacaudade: Some Reasons for Caution. Part I: Who Were the Third Century Bacaudade. *The Ancient World*. 1997, Vol. XXVIII, 2, pp. 167-183.

_____ Reclassifying the Bacaudade: Some Reasons for Caution. Part III. Ghost Bacaudade: The Britannian and Armorican Rebellions (ca 408-417). *The Ancient World*. 2000, Vol. XXXI, 1.

MORRIS, Ian. Mediterraneanization. In: MALKIN, Irad. *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. New York: Routledge, 2005.

SAUMAGNE, Charles. Ouvriers agricoles ou rôdeurs de celliers? *Annales HE*. 1934, 6, pp. 355-364.

SHIPLEY, Graham, et al. *The Cambridge Dictionary of Classical Civilization*. Cambridge: Cambridge University, 2006.

STE. CROIX, G.E.M. de. *The class struggle in the Ancient Greek World*. Ithaca: Cornell University, 1998.

SZÁDECKY-KARDOSS, S. Bagaudade. *Real Enciclopedia Pauly Wissowa. Supplementum*. 1968, Vol. XI, pp. 346-354.

THOMPSON, E A. Peasant revolts in Late Roman Gaul and Spain. *Past and Present*. 1952, 2, pp. 11-23.

THOMPSON, Edward P. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____ *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VAN DAM, Raymond. *Leadership and Community in Late Antique Gaul*. Berkeley: University of California, 1985.

WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean 400-800*. Oxford: Oxford University, 2005.